



MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA

**Direção Nacional de
Assessoria Jurídica e
Legislação - DNAJL**

**LEI N.º 3/ 2017
de 25 de Janeiro**

**LEI DA PREVENÇÃO E LUTA ACONTRA O
TRÁFICO DE
PESSOAS E QUARTA ALTERAÇÃO AO
CÓDIGO PENAL**

Na sequência da restauração da independência nacional, a Assembleia Constituinte aprovou, em 22 de março de 2002, a Constituição da República Democrática de Timor-Leste (CRDTL), instituindo no país o Estado de Direito Democrático, alicerçado na vontade popular e no respeito pela dignidade da pessoa humana, que entrou em vigor no dia 20 de maio de 2002.

A ordem axiológica constitucional estabelecida pela CRDTL de 2002 exigia a edificação, a nível da legislação ordinária, de um alicerço de tutela penal dos bens jurídicos fundamentais à convivência comunitária. Assim, dando execução à autorização legislativa parlamentar (Lei n.º 13/2008, de 13 de outubro), aprovou-se um novo Código Penal (Decreto-Lei n.º 19/2009, de 8 de abril, alterado pelas Leis n.ºs 6/2009, de 15 de julho, 17/2011, de 28 de dezembro, e 5/2013, de 14 de agosto), que reserva o seu capítulo III aos crimes contra a liberdade pessoal, dos quais, com relevância para a tutela da dignidade da pessoa humana, se destacam os crimes de escravidão (artigo 162.º), de tráfico de pessoas (artigo 163.º) e a respetiva agravação (artigo 164.º), de tráfico de órgãos humanos (artigo 165.º) e de venda de pessoas (artigo 166.º).

O Código Penal, no artigo 163.º, sob epígrafe “Tráfico de pessoas”, pune com a pena de prisão de 8 a 20 anos, quem “recrutar, alienar, ceder, adquirir, transportar, transferir, alojar ou acolher

**LEI N.º 3 /2017
25 Janeiro**

**LEI BA PREVENSAUN NO LUTA HASORU
TRÁFIKU UMANU NO
ALTERASAUN DAHAAT BA
KÓDIGU PENÁL**

Tatuir restaurasaun independénsia nasional, Asembleia Konstituente aprova tiha, iha 22 Marsu 2002, Lei-Inan Repúblika Demokrátika Timor-Leste nian, ne'ebé harii iha paiz Estadu Direitu Demokrátiku, ne'ebé bazeia ba vontade povu nian no respeito ba dignidade ema nian, ne'ebé vigora iha 20 Maiu 2002.

Orden axiolójiku konstitusionál ne'ebé estabesele hosi Lei-Inan Repúblika Demokrátika Timor-Leste nian 2002 eziji tiha atu harii, iha nivel lejizlasaun ordinária, tutela penál ba soin jurídiku fundamentál sira ba konvivénsia saudavel iha comunidade nialaran. Nune'e, hatán ba ezekusaun hosi autorizasaun parlamentár (Lei n.º 13/2008, 13 Outubro), aprova tiha Kódigu Penál foun ida (Dekretu-Lei n.º 19/2009), 8 Abril, ne'ebé altera hosi Lei sira n.º 6/2009, 15 Jullu, Lei n.º 17/2011, 28 Dezembru no Lei n.º 5/2013, 14 Agostu, ne'ebé rezerva iha ninia kapitulu III kona-ba krimi sira kontra eskravidaun (artigu 162.º), tráfiiku ba ema (163.º) no agravasaun rasik (artigu 164.º), tráfiiku ba ema nia órgaun (artigu 165.º) no faan ema (artigu 166.º).

Kódigu Penál, iha artigu 163.º, ho epígrafe “Tráfiiku ba ema”, fó kastigu ho pena prizaun tinan 8 to'o 20, ba sé maka rekruta, aliena, sede, adkiri, transporta, transfere, aloja ka akolle ema, ho ameasa, uza forsa

peessoas, recorrendo à ameaça, ao uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou de situação de vulnerabilidade, ou mediante a entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios, para obter o consentimento de uma pessoa que tem a autoridade sobre outra, para alcançar os fins de exploração” (n.º 1); e quem “recrutar, transportar, transferir, alojar ou acolher um menor de 17 anos para fins de exploração mesmo que não envolva nenhum dos meios referidos no número anterior” (n.º 2). Explicitando a conduta típica, refere, no n.º 3, que a “exploração” deve incluir, pelo menos, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, a escravidão ou práticas similares à escravidão, a servidão ou a extração de órgãos.

A República Democrática de Timor-Leste finalizou, em 2009, o processo de adesão à Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional (concluída na Conferência realizada na cidade italiana de Palermo, em 2000, também conhecida por Convenção de Palermo) e ao Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial Mulheres e Crianças, aprovadas, para adesão, pela Resolução do Parlamento Nacional n.º 26/2009, de 9 de setembro, e pela Resolução do Parlamento Nacional n.º 29/2009, de 9 de setembro, respetivamente.

Este Protocolo o define “tráfico de pessoas” como “o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração”.

Explicita que a exploração deve incluir, pelo

ka forsa seluk koasaun nian, raptu, fraude, lohi, ka abuzu autoridade ka situasaun vulnerabilidade nian, ka liuhosi entrega ka aseita pagamentu ka benefísiu sira, hodi hetan konsentimentu ema ida nian ne’ebé iha autoridade ba ema ida seluk, atu alkansa fin sira esplorasau nian” (n.º 1); no sé maka “rekruta, transporta, transfere, aloja ka akolle menor ho tinan 17 ho objetivu ba esplorasau ne’ebé la envolve meu hirak ne’ebé temi iha número liubá” (n.º 2). Esplisita tipu hahalok, ne’ebé temi iha n.º 3, katak “esplorasau” tenke inklui, pelumenús, esplora ema seluk ba prostituisau ka forma seluk esplorasau seksuál nian, traballu ka servisu forsadu, eskravidaun ka prátika hirak seluk ne’ebé hanesan ho eskravidaun, servidaun ka estrasaun órgaun.

República Democrática Timor-Leste, iha 2009, ramata prosesu hodi adere ba Konvensau Nasoes Unidas Kontra Krimi Organizado Transnasionál (konklui iha Konferénsia ne’ebé hala’o iha Palermo), iha 2000, ne’ebé koñese ho naran Konvensau Palermo) no Protokolu Adisionál ba Konvensau Nasoes Unidas Kontra Krimi Organizado Transnasionál kona-ba Prevençau, Repreñsau no Punisaun ba Tráfiku ema, liuliu ba Feto no Labarik, ne’ebé aprova ona ba edezaun liuhosi Rezolusaun Parlamentu Nasionál n.º 26/2009, setembro, no hosi Rezolusaun Parlamentu Nasionál n.º 29/2009, setembro.

Protokolu ida-ne’e defini “tráfiku ba ema” hanesan “rekrutamentu, transporte, transferénsia, alojamentu ka akollimentu ba ema, liuhosi ameasa ka uza forsa ka forma koasaun seluk, raptu, fraude, lohi, abuzu autoridade ka situasaun vulnerabilidade ka entrega ka aseita pagamentu ka benefísiu sira hodi hetan konsentimentu hosi ema ida ne’ebé iha autoridade ba ema seluk ho finalidade ba esplorasau nian”.

Esplisita katak esplorasau tenke inklui, pelumenús,

menos, “a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos”.

O conceito de tráfico de pessoas adotado pelo Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial Mulheres e Crianças é mais abrangente do que o que é descrito no Código Penal como crime. Acresce que, para efeitos da Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional, o tráfico de pessoas constitui uma espécie de crime organizado transnacional.

Por outro lado, nos termos do Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial Mulheres e Crianças deverão ser considerados “tráfico de pessoas”, o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de uma criança (quem tenha idade inferior a 18 anos) para fins de exploração, mesmo que não tenha sido utilizado qualquer dos meios apontados.

A prevenção e a repressão do tráfico de pessoas estão estabelecidas no Código Penal, o qual não consagra a responsabilização criminal das pessoas coletivas, designadas pessoas jurídicas na Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional. Esta Convenção dispõe que, ao tipificar como infrações criminais as condutas que descreve, os Estados Partes devem consagrar a responsabilidade criminal das pessoas jurídicas.

Além de não tipificar todas as condutas que integram a injunção de criminalização constante do mencionado Protocolo Adicional, o Código Penal deixa fora do âmbito de proteção contra o tráfico quem tiver 17 anos de idade.

Torna-se, pois, necessário ajustar a legislação atinente à tutela da dignidade da pessoa humana e

explora ema seluk ba prostituisaun ka forma seluk esplorasau seksual nian, traballu ka servisu forsadu, eskravidaun ka prátika hirak seluk ne’ebé hanesan ho eskravidaun, servidaun ka estrasaun órgaun.

Konseitu tráfiku umanu ne’ebé adota hosi Protokolu Adisionál ba Konvensau Nasaens Unidas Kontra Krimi Organizadu Transnasionál kona-ba Prevensau, Reprensau no Punisaun ba Tráfiku Umanu, ho espiál ba Feto no Labarik abranjente liu duké ida-ne’e deskreve iha Kódigu Penál hanesan krimi. Aumenta tan katak, ba efeito sira Konvensau Naseons Unidas Kontra Krimi Organizadu Transnasionál, tráfiku umanu konstitui nu’udar espésie ida krimi organizadu transnasionál nian.

Hosi sorin seluk, bazeia ba Protokolu Adisionál ba Konvensau Nasoens Unidas Kontra Krimi Organizadu Transnasionál kona-ba Prevensau, Reprensau no Punisaun ba Tráfiku Umanu, ho espiál ba Feto no Labarik tenke konsidera “Tráfiku umanu” nu’udar rekrutamentu, transporte, transferénsia, alojamentu ka akollimentu ba labarik (ne’ebé ho tinan 18 mai kraik) ho objetivu ba esplorasau, maske la utiliza meiu hirak-ne’ebé temi ona.

Prevensau no reprensau ba tráfiku umanu estabese iha Kódigu Penál, ne’ebé la hatuur responsabilidade kriminál ba ema-koletiva, ne’ebé temi ho ema-jurídika iha Konvensau Nasoens Unidas Kontra Krimi Organizadu Transnasionál. Konvensau ida-ne’e dispoin katak, bainhira tipifika konduta hirak-ne’ebé deskreve hanesan infrasaun kriminál, Estadu-Parte sira tenke estabese responsabilidade ema-jurídika nian.

Alende la tipifika konduta hotu-hotu ne’ebé integra injunsaun kriminalizasaun ne’ebé temi iha Protokolu Adisionál, Kódigu Penál la abranje âmbito protesaun kontra tráfiku ba ema ne’ebé iha tinan 17.

Nune’e, presiza atu ajusta lejizlasau ne’ebé temi kona-ba tutela ba dignidade ema nian no protesaun kontra tráfiku umanu ba instrumentu nasional sira-

proteção contra o tráfico de pessoas aos instrumentos internacionais supra referidos recebidos na ordem jurídica interna timorense.

Assim,

O Parlamento Nacional decreta, nos termos do n.º 1 do artigo 95.º e da alínea a) do n.º 1 do artigo 96.º da Constituição da República, para valer como lei, o seguinte:

CAPÍTULO I **Disposições gerais**

Artigo 1.º

Objeto

A presente lei consagra medidas destinadas à prevenção e combate do tráfico de pessoas, bem como à proteção e assistência das suas vítimas.

Artigo 2.º

Tráfico de pessoas

Para os efeitos da presente lei, tráfico de pessoas significa o recrutamento, o transporte, a transferência, a entrega, a aceitação, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, através do recurso à ameaça ou ao uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou de uma posição de vulnerabilidade, ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tem autoridade sobre outra, para fins de exploração, incluindo, no mínimo, a exploração de prostituição ou outras formas de exploração sexual, o casamento forçado, a exploração do trabalho ou dos serviços dessa pessoa, o trabalho forçado ou a servidão por dívida, a mendicância, a escravidão, a remoção de órgãos ou a exploração de outras atividades criminosas ou ainda o uso em conflitos armados ou insurreições civis.

Artigo 3.º

Princípio da não discriminação

A aplicação da presente lei, em particular das

ne'ebé temi iha leten no simu tama iha orden jurídica interna timór nian.

Nune'e,

Parlamentu Nasionál dekreta bazeia ba n.º 1 artigu 95.º no alínea a), n.º 1 artigu 96.º Lei-Inan Repúblika nian atu sai hanesan lei, tuirmai ne'e:

KAPÍTULU I **DISPOZISAUN JERÁL SIRA**

Artigu 1.º

Objetu

Lei ida-ne'e konsagra medida sira kona-ba prevensaun no kombate tráfik u manu, hanesan mós protesau n no fó asisténsia ba ema-ne'ebé sai vítima hosi tráfik u ida-ne'e.

Artigu 2.º

Tráfiku umanu

Ba efeito sira lei ida-ne'e nian, tráfik u man u significa rekrutamentu, transporte, transferénsia, entrega, aseita, alojamentu ka akollimentu ba ema, liuhosi meu hanesan ameasa ka uza forsa koasaun ka forma koasaun sira seluk, raptu, fraude, lohi, abuzu autoridade ka ho pozisaun ida ne'ebé vulneravel, ka entrega ka aseita pagamentu ka benefísiu atu bele iha konsentimentu hosi ema ida ne'ebé iha autoridade ba ida seluk, hodi uza ba halo esplorasau n prostituisau n ka forma seluk esplorasau n seksuál nian, kazamentu ho obriga, esplorasau n traballu ka halo ema sira-ne'e nia servisu, traballu forsadu ka servidaun tanba iha dívida, husu-esmola, sai-atan, tranferénsia órgaun sira ka esplorasau n ba atividade kriminoza sira seluk ka uza konfliktu armadu ka revolta sivíl.

Artigu 3.º

Prinsípiu la diskriminasaun

Aplikasaun lei ida-ne'e nian, liuliu ba medida sira-

medidas que visam proteger e promover os direitos das vítimas, deve ser assegurada sem qualquer discriminação com base na raça, na cor, na língua, na idade, no sexo ou na orientação sexual, na religião, nas opiniões políticas ou outras, na origem nacional ou social, na pertença a uma minoria ou grupo étnico, no nascimento, na situação perante as leis de imigração, no facto de ter sido vítima de tráfico de pessoas ou de ter participado na indústria do sexo, ou qualquer outra condição.

CAPÍTULO II

Disposições penais relativas ao crime de tráfico de pessoas

Artigo 4.º

Não aplicação de sanções

A vítima de crime de tráfico de pessoas não pode ser detida, acusada ou julgada por ter entrado ou residido ilegalmente em território nacional, nem por ter participado, a qualquer título, em atividades ilícitas que tenha cometido, na medida em que sejam consequência direta da sua situação de vítima.

Artigo 5.º

Não participação

Qualquer agente policial, funcionário público, gestor público ou qualquer outro agente ou autoridade pública, nomeadamente, do Serviço de Migração, das Alfândegas, da Unidade de Patrulhamento de Fronteiras, das Forças de Defesa de Timor-Leste, da Polícia Nacional de Timor-Leste (PNTL), da Polícia Científica de Investigação Criminal (PCIC), bem como o médico ou outro profissional da saúde que, tendo conhecimento da prática de crime de tráfico de pessoas ou de que determinada pessoa é vítima desse crime, não o participar à sua autoridade competente, é punido com a pena correspondente ao crime de tráfico de pessoas reduzido de dois terços nos seus limites mínimos e máximos, nos termos do disposto no artigo 286.º do Código Penal.

ne'ebé ho objetivu atu proteje no promove vítima sira-nia direitu, tenke asegura laho diskriminasaun saida de'it bazeia ba rasa, kór, lian, idade, seksu ka orientasaun seksuál, relijiaun, opiniaun política ka sira seluk tan, orijen nasional, ka sosiál, tama iha grupu minoria ka étniku, moris, situasaun iha lei imigrasaun nia oin, tanba de'it sai vítima tráfik uumanu ka partisipa tiha iha industria seksu, ka kondisaun selu-seluk tan.

KAPÍTULU II

Dispozisaun penal kona-ba krimi sira tráfik uumanu

Artigo 4.º

La aplika sansaun sira

Vítima hosi krimi sira tráfik uumanu sei la bele hetan detensaun, akuzasaun ka julga nia tanba tama ka hela ilegál iha territóriu nasional, la'ós tanba nia partisipa tiha, ho kualkér título, iha atividade ilísita ne'ebé nia komete, bainhira sai vítima tanba konsekuénsia direta hosi situasaun ida-ne'e.

Artigo 5.º

La partisipa

Kualkér ajente polisiál, funsionáriu públiku, jestór públiku ka ajente seluk ka autoridade públika, hanesan, maihosi Servisu Migrasaun, Alfândega, Unidade Patrullamentu Fronteira, Forsa Defeza Timor-Leste, PNTL, PSIK, nune'e mós médiku ka profesionál seluk hosi saúde ne'ebé hatene kona-ba prátika krimi tráfik uumanu ka ema ruma nu'udar vítima hosi krimi ida-ne'e, la fó-hatene ba autoridade competente sira, sei hetan kastigu ho pena tuir krimi tráfik uumanu nian sei hamenus katoluk rua hosi nia limiti mínimu no másimu, haktuir artigu 286.º Kódigu Penal.

Artigo 6.º

Responsabilidade das pessoas coletivas

1. As pessoas coletivas, ainda que irregularmente constituídas e as associações de facto, são responsáveis pelo crime de tráfico de pessoas, quando cometido em seu benefício, por qualquer pessoa que nela detenha uma posição de autoridade, quer agindo individualmente, quer na qualidade de membro de órgão respetivo.
2. Para os efeitos da presente lei, detém uma posição de autoridade quem tiver poderes de representar, de fiscalizar ou de tomar decisões em nome da pessoa coletiva.
3. As pessoas coletivas são ainda responsáveis pelo crime de tráfico de pessoas sempre que a falta de supervisão ou de fiscalização por parte de uma pessoa referida no n.º 1 tenha possibilitado a prática do crime por pessoa sob a sua autoridade, em benefício dessa pessoa coletiva.
4. A responsabilidade das pessoas coletivas é excluída quando o agente tiver atuado contra ordens ou instruções expressas de quem de direito.
5. A responsabilidade das pessoas coletivas prevista nos números anteriores não exclui a responsabilidade individual dos respetivos agentes nem depende da responsabilização destes.
6. A cisão e a fusão não determinam a extinção da responsabilidade criminal da pessoa coletiva ou entidade equiparada, respondendo pela prática do crime:
 - a) A pessoa coletiva ou entidade equiparada que resultou da fusão;
 - b) As pessoas coletivas ou entidades equiparadas que resultaram da cisão.
7. Sem prejuízo do direito de regresso, as pessoas que ocupem uma posição de autoridade são subsidiariamente responsáveis pelo pagamento das multas e indemnizações em que a pessoa coletiva ou entidade equiparada for condenada, relativamente aos

Artigo 6.º

Ema-koletiva sira-nia responsabilidade

1. Ema-koletiva sira, maske la harii tuir regra no asosiasaun, maka responsavel ba krimi tráfik u manu, bainhira halo hodi hatán ba sira-nia di'ak, hosi ema sé de'it ne'ebé kaer pozisaun nu'udar autoridade, halo tanba nia rasik maka hakarak halo, ka tanba nia nu'udar órgaun ne'e rasik.
2. Ba efeito sira lei ida-ne'e nian, sé mak iha pozisaun autoridade mak ema ida-ne'ebé hetan poder atu representa, fiskaliza ka foti desizaun lori ema-koletiva nia naran.
3. Ema-koletiva sira mós responsavel ba krimi tráfik u manu bainhira ema ida ne'ebé temi tiha iha número 1 la halo supervizaun ka fiskalizesaun no nia posibilita ema atu halo krimi iha ninia autoridade nia laran, ba ema-koletiva nia di'ak.
4. Ema-koletiva sira-nia responsabilidade sei hasai bainhira ajente ne'e halo hasoru orden ka instrusaun espresa hosi ema ne'ebé maka iha direitu.
5. Ema-koletiva sira ne'ebé temi tiha iha número sira liubá, sei la hasai responsabilidade individuál hosi ajente ida-idak nian no sei la depende tanba responsabilizaun ajente sira-ne'e nian.
6. Sizaun no fuzaun ne'e sei la determina hodi hapara ema-koletiva ka entidade ekiparada nia responsabilidade kriminál, haree ba krimi ne'ebé halo:
 - a) Bainhira ema-koletiva ka entidade ekiparada ne'ebé rezulta hosi fuzaun;
 - b) Sizaun ne'e iha tanba ema-koletiva ka entidade ekiparada sira iha.
7. Lahó prejudika direitu atu filafali, ema sira-ne'ebé ho pozisaun hanesa autoridade maka responsavel atu ajuda selu multa no indemnizaun ne'ebé ema-koletiva ka entidade ekiparada bainhira hetan kondensaun, kona-ba krimi sira:

crimes:

- a) Praticados no período de exercício do seu cargo, sem a sua oposição expressa;
 - b) Praticados anteriormente, quando tiver sido por culpa sua que o património da pessoa coletiva ou entidade equiparada se tornou insuficiente para o respetivo pagamento;
 - c) Praticados anteriormente, quando a decisão definitiva de as aplicar tiver sido notificada durante o período de exercício do seu cargo e lhes seja imputável a falta de pagamento.
8. Se as multas ou indemnizações forem aplicadas a uma entidade sem personalidade jurídica, responde por elas o património comum e, na sua falta ou insuficiência, solidariamente, o património de cada um dos associados.

Artigo 7.º

Sanções aplicáveis às pessoas coletivas

1. Pela prática dos crimes previstos na presente lei são aplicáveis às entidades referidas no artigo anterior as seguintes penas principais:
 - a) Multa;
 - b) Dissolução judicial.
2. A pena de multa é fixada em dias, no mínimo de 100 dólares americanos e no máximo de 1000 dólares americanos.
3. A cada dia de multa corresponde uma quantia entre 1.000 a 10.000 dólares americanos.
4. Se a multa for aplicada a uma associação sem personalidade jurídica, responde por ela o património e, na sua falta ou insuficiência, solidariamente, o património de cada um dos associados.
5. A pena de dissolução judicial só será aplicada quando os fundadores das entidades referidas no n.º 1 tenham tido a intenção, exclusiva ou predominante de, por meio delas, praticar os crimes aí previstos ou quando a prática reiterada de tal crime mostre que a entidade está a ser utilizada, exclusiva ou predominantemente, para esse efeito, quer

Artigo 7.º

Sansaun ne'ebé aplika ba ema-koletiva sira

- a) Halo tiha iha tempu ne'ebé nia hala'o hela nia knaar, laho iha opozisaun espresa;
 - b) Ne'ebé uluk nia halo, tanba nia sala maka ema-koletiva ka entidade ekiparada nia patrimóniu sai la sufisiente ba pagamentu ne'e rasik; ka
 - c) Ne'ebé uluk nia halo, bainhira desizaun ikus nian atu aplika sira iha ona notifikasaun iha tempu ne'ebé nia hala'o hela nia knaar no imputavel tanba falta pagamentu.
8. Bainhira aplika multa ka indemnizasaun ba entidade ida-ne'ebé laho personalidade jurídica, sei hatán ho patrimóniu komún no, bainhira la iha ka la natoon, ho solidáriu, sei hatán ho asociadu ida-idak nia patrimóniu.
1. Kona-ba prátika krimi sira ne'ebé hatuur tiha iha lei ida-ne'e, bele aplika ba entidade sira ne'ebé temi tiha iha artigo liubá pena prinsipál sira tuirmai:
 - a) Multa;
 - b) Disolusaun judisiál.
 2. Pena multa sei determina tuir loron, mínimo dólar americanu 100 no máximo 1000.
 3. Multa loron ba ida-idak bele to'o dólar americanu 1.000 no 10.000.
 4. Bainhira multa ne'e aplika ba asosiasaun ida-ne'ebé laho personalidade jurídica, asosiasaun ne'e sei hatán ho patrimóniu no, bainhira la iha ka la sufisiente karik, ho solidairedade hatán ho asociadu ida-idak nia patrimóniu.
 5. Pena disolusaun bele aplika de'it bainhira fundadór sira entidade nian ne'ebé temi tiha iha número 1 iha intensaun, eskruziva ka predominante, liuhosi sira rasik, halo krimi sira ne'ebé hatuur tiha iha ne'ebá ka bainhira hahalok krimi ne'e mosu fali katak entidade ne'e uza hela, eskruziva ka predominante, ba efeitu ida-ne'e, hosi nia membru sira ka, hosi ema

pelos seus membros, quer por quem exerça a respetiva administração.

6. Às entidades referidas no n.º 1 podem ainda ser aplicadas as seguintes penas acessórias:
 - a) Proibição do exercício de certas atividades por um período de 1 a 10 anos;
 - b) Interdição de realizar contratos com a administração pública;
 - c) Privação do direito a subsídios ou apoios públicos;
 - d) Encerramento do estabelecimento utilizado para a prática do crime pelo período de 1 mês a 1 ano;
 - e) Encerramento definitivo do estabelecimento utilizado para a prática do crime;
 - f) Injunção judiciária;
 - g) Publicidade da decisão condenatória, a suas expensas, nas duas línguas oficiais, num dos jornais de maior circulação no país, bem como através de edital, por período não inferior a 30 dias, no local de exercício da atividade, por forma bem visível ao público.
7. As penas acessórias podem ser aplicadas cumulativamente.
8. A cessação da relação laboral que ocorra em virtude da aplicação de pena de dissolução judicial ou de qualquer das penas acessórias previstas no n.º 6, considera-se, para todos os efeitos, como sendo rescisão sem justa causa da responsabilidade do empregador.

Artigo 8.º

Perda de bens a favor do Estado

1. É declarada perdida a favor do Estado toda a recompense dada ou prometida aos agentes de um crime de tráfico de pessoas, para eles ou para outrem.
2. Sem prejuízo dos direitos do ofendido ou de terceiro de boa-fé, são também perdidos a favor do Estado os objetos, direitos ou vantagens que, através do crime, hajam sido

ne'ebé hala'o knaar iha administrasaun ne'e rasik.

6. Aplika ba entidade sira ne'ebé temi tiha iha número 1 regra asesória sira tuirmai:
 - a) Proibisaun hodi halo atividade balu hosi períodu tinan 1 to'o 10;
 - b) Bandu la bele halo kontratu ho administrasaun públika;
 - c) Privasaun ba direito atu hetan subsídiu ka apoiu públiku;
 - d) Taka tiha estabesimentu ne'ebé uza hodi halo krimi hosi fulan 1 to'o tinan 1;
 - e) Taka permanente estabesimentu ne'ebé uza hodi halo krimi;
 - f) Injunsau judisiária;
 - g) Publisidade desizaun kordenatória nian, ninia gastu sira, iha lian ofisiál rua, iha jornál ida-ne'ebé sirkula barakliu iha nasaun laran, nune'e mós liuhosi editál, ho tempu la liu loron 30, iha fatin ne'ebé hala'o servisu-ba, atu públiku bele haree ho di'ak.
7. Pena asesória sira bele aplika mós ho komulativu.
8. Relasaun servisu ne'ebé ramata tanba aplika pena disolusaun judisiál ka kualkér pena asesória ida ne'ebé hatuur tiha iha número 6, sei konsidera, ba efeito hotu-hotu, hanesan, hapara servisu laho justa kauza hosi empregador nia responsabilidade.

Artigu 8.º

Lakon título nu'udar na'in ba soin no Estadu maka nu'udar na'in fali

1. Soin sira ne'ebé nu'udar rekompensa ka promete tiha ba ajente sira hosi krimi tráfiku umanu, ba sira ka ba ema seluk, sei deklara sai fali Estadu nian.
2. Lahó prejudika ema ne'ebé hetan ofensa ka emadatoluk ne'ebé ho boa-fé ninia direito, sira-nia sasán mós sei pertense ba Estadu, direito ka vantajen, ne'ebé, liuhosi krimi ida, ajente sira

- adquiridos pelos agentes, para si ou para outrem, e representem uma vantagem patrimonial de qualquer espécie.
3. Para os efeitos do disposto no número anterior, o património compreende o conjunto dos bens, nomeadamente bens móveis e imóveis, aeronaves, barcos, veículos, depósitos bancários, outros valores ou quaisquer outros bens de fortuna, entre outros:
 - a) Que estejam na titularidade do arguido ou em relação aos quais ele tenha o domínio e o benefício, à data da constituição como arguido ou posteriormente;
 - b) Transferidos para terceiros a título gratuito ou mediante contraprestação simbólica nos cinco anos anteriores à data da constituição como arguido;
 - c) Recebidos pelo arguido nos cinco anos anteriores à constituição como arguido, ainda que não se consiga determinar o seu destino.
 4. O disposto nos números anteriores tem lugar ainda que nenhuma pessoa determinada possa ser punida pelo facto.
 5. O disposto nos números anteriores aplica-se às coisas ou aos direitos obtidos mediante transação ou troca com as coisas ou direitos diretamente conseguidos por meio da prática do crime.
 6. Se a recompensa, os direitos, coisas ou vantagens referidos nos números anteriores não puerem ser apropriados em espécie, a perda é substituída pelo pagamento ao Estado do repetivo valor.
 7. Os objetos, direitos ou vantagens declarados perdidos a favor do Estado revertem para o Tesouro, que os inscreve enquanto receita no Orçamento Geral do Estado.
 8. As receitas a que se refere o número anterior devem ser consignadas às atividades relacionadas com a prevenção, a luta contra o tráfico de pessoas e o apoio às suas vítimas.
- maka hetan direitu ne'e, ba sira ka ba sira seluk, no reprezenta naran vantajen patrimoniál saida de'it.
3. Kona-ba sasá mak hatuur tiha iha número liubá, patrimóniu maka soin lubuk ida, hanesan soin movel no imovel sira, aviaun, ró, karreta-motór, osan iha banku, valór sira seluk ka soin sasá de'it ho fortuna, no sira seluk tan:
 - a) Ne'ebé sai hanesan arguidu nian ka kona-ba saida mak nia domina no benefísiu, iha loron ne'ebé trata hanesan arguidu ka iha tempu oin mai;
 - b) Transfere ba ema-datoluk sira ho gratuitu ka liuhosi kontraprestasaun simbóliku ida iha tinan lima liubá hahú hosi loron ne'ebé sei hanesan arguidu;
 - c) Arguidu simu tiha iha tinan lima liubá bainhira konstituisaun hanesan arguidu, maske seidauk hatuur loloos ninia destinú.
 4. Saida maka hatuur iha número sira liubá funciona maske la iha ema ida maka hetan punisaun ba faktu ne'e.
 5. Saida mak hatuur tiha iha número sira liubá sei aplika mós ba sasán ka direitu sira ne'ebé hetan liuhosi tranzasaun ka troka ho sasán sira ka direitu sira-ne'ebé hetan diretamente liuhosi krimi.
 6. Bainhira rekompensa, direitu, sasán ka vantajen sira ne'ebé temi tiha iha número sira liubá sei la bele sai na'in ba tipu ida, lakon ne'e sei troka ho pagamentu ba Estadu ho valór ida-idak nian.
 7. Sasán sira, direitu ka vantajen sira ne'ebé deklara katak la iha na'in sei pertense ba Estadu, hafila ba Tezouru, ne'ebé sei rejista hanesan reseita iha Orsamentu Jerál Estadu nian.
 8. Reseita sira ne'ebé temi tiha iha número liubá tenke sai hanesan konsignasaun ba atividade sira-ne'ebé iha relasaun ho prevensaun, luta kontra tráfikú umanu no apoiu ba sira ne'ebé sai vítima tanba tráfikú.

Artigo 9.º

Indemnização às vítimas

1. A vítima de tráfico de pessoas tem direito à indemnização de perdas e danos emergentes do crime, nos termos gerais de direito, aplicando-se o disposto no artigo 104.º do Código Penal.
2. No cálculo da indemnização devem ser considerados, entre outros fatores, os danos físicos e morais, os tratamentos médicos, quaisquer perdas de bens e direitos, o valor do trabalho ou dos serviços prestados em virtude do crime, as despesas de transporte e alojamento, as despesas de reabilitação e as relativas ao repatriamento da vítima.
3. Ao crédito decorrente do direito da vítima de tráfico de pessoas à indemnização é correspondentemente aplicável o disposto no artigo 105.º do Código Penal.
4. Havendo fundado receio de que falem ou diminuam substancialmente as garantias de pagamento de indemnização devida nos termos dos números anteriores, o tribunal ordena oficiosamente a prestação de caução económica pelo arguido e, caso esta não seja prestada, decreta oficiosamente o arresto dos bens em sua substituição.
5. Sem prejuízo do disposto no n.º 1, às vítimas que tenham sofrido danos graves para a respetiva saúde física e mental diretamente resultantes de atos de violência relativos aos crimes de tráfico de pessoas, é ainda garantido acesso aos mecanismos que a lei prever sobre indemnização das vítimas de crimes violentos, nomeadamente para efeitos de adiantamento da indemnização pelo Estado.

CAPÍTULO III

Disposições relativas à investigação e ao processo penal

Artigo 10.º

Proteção das vítimas e testemunhas

1. No decurso dos atos processuais, as

Artigo 9.º

Indemnizasaun ba vítima sira

1. Vítima tráfiku umanu iha direito ba indemnizasaun ba perda no danu sira-ne'ebé mosu iha krimi tuir direito jerál, hodi ba ida ne'e aplika dispostu iha artigu 104º Kódigu Penál.
2. Bainhira kálkulu indemnizasaun tenke konsidera ho, entre fatór sira seluk, danu fíziku ka morál, tratamentu médiku sira, lakon rikusoin no direito, valór traballu ka servisu sira-ne'ebé halo tiha tanba krimi, despeza sira ba transporte no alojamentu, despeza reabilitasaun no sira ne'ebé kona-ba haruka filafali vítima ba ninia rain.
3. Ba kréditu dekorrente hosi direito vítima tráfiku umanu nian hodi hetan indemnizasaun sei aplika, ho adaptasaun nesesária, dispostu iha artigu 105.º Kódigu Penál nian.
4. Bainhira ta'uk falta ka hamenus fali tanba tuir substánsia garantia ba selu imdenizasaun ne'ebé hatuur tiha iha número sira liubá, tribunál ordena ho ofisiozu ba arguidu nia prestasaun ba kausaun ekonómika no, bainhira la halo ida-ne'e, sei dekreta ho ofisiozu hodi prende de'it soin sira-ne'e.
5. Lahó prejudika dispostu iha n.1º, sei garante mós atu vítima ne'ebé sofre danu boot ba nia saúde fízika no mentál ne'ebé maihosi asaun violénsia be iha relasaun ho krimi tráfiku umanu, hetan asesu ba mekanizmu sira ne'ebé lei hatuur tiha kona-ba indemnizasaun ba vítima hosi krimi violentu, hanesan kona-ba adiantamentu indemnizasaun hosi Estadu.

KAPÍTULU III

Dispozisaun kona-ba investigasaun no prosesu penál

Artigo 10.º

Protesaun ba vítima no testemuña sira

1. Iha aktu prosesuál nia laran, autoridade judisiál

autoridades judiciárias competentes devem assegurar as medidas necessárias para evitar o contacto entre a vítima e o arguido de crime de tráfico de pessoas, nomeadamente através do recurso às tecnologias de comunicação.

2. As testemunhas e as vítimas dos crimes de tráfico de pessoas beneficiam das medidas e programas especiais de segurança previstos na lei de proteção de testemunhas.

Artigo 11.º

Proteção das testemunhas e vítimas menores

1. No caso de a vítima ser menor, a sua representação é assegurada pelo Ministério Público, nos termos da lei.
2. Sem prejuízo do disposto no número anterior, a vítima ou a testemunha menor é acompanhada em todos os atos processuais em que intervenha pelos seus pais ou por quem exerça o poder parental, sempre que tal estiver de acordo com o interesse do menor.
3. No caso previsto no número anterior, quando o menor não estiver acompanhado pelos seus pais ou por quem exerça o poder parental ou, ainda, quando a presença destes se mostre incompatível com o interesse do menor, o juiz competente designa um tutor para a sua representação e acompanhamento.

Artigo 12.º

Exclusão de publicidade do processo

1. Os processos que tenham por objeto crimes de tráfico de pessoas decorrem com exclusão total de publicidade, apenas podendo assistir aos atos processuais as pessoas que o tribunal admitir por razões de ordem profissional ou científica, quando tal não ponha em causa a dignidade e a segurança da vítima, assim como a integridade do ato processual.
2. A exclusão de publicidade não abrange a leitura da sentença ou do acórdão.
3. Em qualquer caso, a privacidade da vítima é sempre protegida, não sendo permitida, sob pena de desobediência simples, a divulgação

kompetente sira tenke asegura medida sira-ne'ebé presiza liu atu evita vítima no arguido krimi tráfiku umaniuha kontaktu ba malu, hanesan liuhosi sasán teknológika sira.

2. Testemuña no vítima sira tráfiku umanu nian hetan benefísiu ba medida no programa esepial sira ne'ebé hatuur tiha iha lei protesaun testemuña nian.

Artigu 11.º

Protesaun ba testemuña no vítima menór sira

1. Bainhira vítima ne'e menór, Ministériu Públiku mak asegura ninia representasaun, tuir lei.
2. Lahó prejudika saida maka hatuur tiha iha número liubá, vítima ka testemuña menór sei hetan akompañamentu iha aktu prosesuál hotu-hotu, ne'ebé iha intervensaun hosi ninia inan-aman ka ida-ne'ebé ezerse podér paternál, bainhira de'it ida-ne'e haktuir ninia interese.
3. Kazu ne'ebé hatuur tiha iha número liubá, bainhira inan-aman ka ida-ne'ebé ezerse podér paternál la akompaña karik ka, sira-nia prezensa la hatudu interese ba menór, juis ne'ebé iha kompeténsia hili tutór ida hodi representa no akompaña.

Artigu12.º

La halo publidade ba prosesu

1. La halo publidade ba prosesu hotu-hotu ne'ebé ko'alia kona-ba krimi tráfiku umanu, bele assiste de'it aktu prosesuál ema sira ne'ebé tribunál fó lisença tanba orden profesionál ka sientífika, bainhira ida ne'e la afeta vítima nia dignidade no seguransa, nune'e mós aktu prosesuál nia integridade.
2. La halo publidade sei la inklui ho leitura sentensa no akórdaun nian.
3. Iha kazu saida de'it, sempre proteje vítima nia privasidade, sei la permite, selae hetan pena desobediénsia simples, fó sai liuhosi meu

pelos meios de comunicação social, nem a publicação, por qualquer meio, da sua identidade, da sua imagem, da sua morada ou de qualquer informação que permita a sua identificação, bem como da sua família ou de pessoas em situação equiparada.

4. À violação do disposto no número anterior é correspondentemente aplicável o n.º 1 do artigo 244.º do Código Penal.

Artigo 13.º

Informações sobre valores e fortunas e quebra de segredo

1. Podem ser pedidas às instituições bancárias ou financeiras e aos serviços da administração fiscal informações ou a apresentação de documentos respeitantes a bens, depósitos ou quaisquer outros valores pertencentes a indivíduos suspeitos ou a arguidos da prática dos crimes previstos na presente lei, se houver razões para crer que as respetivas informações têm interesse para a descoberta da verdade.
2. O pedido a que se refere o n.º 1 depende unicamente de uma ordem da autoridade judiciária competente, em despacho fundamentado, onde conste a identificação das pessoas abrangidas pela medida e, se possível, a especificação das informações que devem ser prestadas e os documentos que devem ser entregues.
3. Se não for conhecida a pessoa ou pessoas titulares das contas ou intervenientes nas transações é suficiente a identificação das contas e transações relativamente às quais devem ser obtidas informações.
4. Quando se dirija a instituição bancária ou financeira, o pedido a que se referem os números anteriores deve ser apresentado através do Banco Central de Timor-Leste.
5. A informação e os documentos solicitados ao abrigo dos números anteriores não podem ser recusados, ficando as entidades visadas, bem como os membros dos seus órgãos sociais e

komunikasaun sosiál, nein iha publikasaun, liuhosu meu saida de'it, ninia identidade, fotografia, hela-fatin ka informasaun saida de'it ne'ebé permite ninia identifikasaun, nune'e mós nia família ka ema sira ne'ebé iha situasaun hanesan.

4. Bainhira sakar dispostu iha número liubá sei aplika, ho adaptasaun nesesária, n.º 1, hosi artigo 244.º Kódigu Sivil.

Artigo 13.º

Informasaun kona-ba valór no fortuna sira no fó sai segredu

1. Bele husu instituisaun bankária ka finanseira no servisu administrasaun fiskál informasaun ka apresentasaun dokumentu sira kona-ba soin sira, depóztu ka valór hirak seluk sasá de'it ne'ebé pertense ba individuu suspeitu ka arguidu ne'ebé halo krimi sira-ne'ebé hatuur tiha iha lei ida-ne'e, bainhira iha razaun katak informasaun sira-ne'e iha interese hodi haree-hetan verdade.
2. Pedidu ne'ebé temi tiha iha número 1 depende de'it ba orden autoridade judisiária competente nian, iha despaxu ho fundamentu, ne'ebé tau identifikasaun hosi ema sira ne'ebé hetan medida no, bainhira bele, tenke spesífika informasaun sira ne'ebé atu fó no dokumentu sira ne'ebé tenke entrega.
3. Bainhira la koñese ema ka ema ne'ebé na'in ba konta ka ema ne'ebé intrvein iha tranzasaun, natoon de'it maka identifikasaun hosi konta no tranzasaun sira ne'ebé kona-ba hirak ne'ebé tenke hetan duni informasaun ne'e.
4. Bainhira dirije ba instituisaun bankária ka finanseira, pedidu ne'ebé temi tiha número sira liubá tenke apresenta liuhosi Banku Sentrál Timor-Leste nian.
5. Sei la bele rekuza informasaun no dokumentu sira-ne'ebé husu tiha tuir número sira liubá, entidade sira-ne'e, nune'e mós membru órgaun sosiál sira seluk no funsionáriu sira-ne'e rasik,

funcionários respetivos, obrigados a fornecer os elementos solicitados no prazo máximo de cinco dias.

6. Se o pedido não for cumprido dentro do prazo ou houver fundadas suspeitas de que tenham sido ocultados documentos ou informações, a autoridade judiciária competente procede à apreensão dos documentos, nos termos da lei.

Artigo 14.º

Controlo de contas bancárias

1. Podem ser postas sob controlo as contas bancárias e de pagamento de que sejam titulares os arguidos ou suspeitos ou aquelas de que, não sendo titulares, sejam por eles utilizadas na prática de crimes de tráfico de pessoas.
2. O controlo das contas a que se refere o número anterior é autorizado por despacho fundamentado da autoridade judiciária competente.
3. A instituição de crédito ou de pagamento onde se encontram sediadas as contas sujeitas a controlo é obrigada a comunicar à autoridade judiciária quaisquer movimentos nas contas referidas.

Artigo 15.º

Obrigação de sigilo

Quem, enquanto membro de órgão social de institui o de crédito, financeira ou de pagamento, seu funcionário, empregado ou agente, divulgar ou der a conhecer os atos previstos nos artigos 13.º e 14.º de que tenha tomado conhecimento, é punido nos termos do artigo 291.º do Código Penal.

CAPÍTULO IV

Prote o e assistência às vítimas de tráfico de pessoas

SEC O I

Prote o e assistência às vítimas

Artigo 16.º

Princípios gerais

tenke fornese elementu sira ne'ebé husu tiha tuir prazu m simu lora 5.

6. Bainhira la kumpre iha prazu nia laran ka iha deskonfia kle'an katak dokumentu no informasaun ne'ebé helik tiha, autoridade judisiária competente sei prende kedas dokumentu sira, tuir lei.

Artigo 14.º

Kontrolu konta bank ria sira

1. Bele tau kontrolu ba konta bank ria sira no pagamentu la haree ba arguidu ka suspeitu maka na'in ka sira ne'eb  maka, maske la'os na'in, sira maka uza hodi halo krimi tr fiku umanu.
2. Kontrolu ba konta sira ne'eb  temi iha n meru sira liub  sei autoriza liuhosi despaxu ho fundamentu ne'eb  autoridade judisi ria competente maka asina.
3. Instituisaun kr ditu ka pagamentu ne'eb  hanesan sede ba konta sira ne'eb  hetan kontrolu tenke f -hatene kedas ba autoridade judisi ria kona-ba movimentu sas  de'it iha konta sira ne'e.

Artigo 15.º

Obrigasaun sijilu

S  maka, bainhira hanesan hela membru  rgaun sosi l instituisaun kr ditu nian, finanseira ka pagamentu, ninia funsion riu, empregadu ka ajente, divulga ka f -hatene kona-ba fali aktu sira ne'ebé hatuur tiha iha artigo 13.º. No 14.º ne'ebé iha ko sesimentu hela, sei hetan kastigu tuir artigo 291.º K digo Pen l nian.

KAPÍTULU IV

Protesaun no assistência ba vítima sira tráfiku umanu nian

SEKSAUN I

Protesaun no assistência ba vítima sira

Artigo 16.º

Prins piu jer l sira

1. As medidas de assistência e apoio às vítimas devem ser prestadas numa base consensual e informada, não dependendo da sua vontade em cooperar na investigação ou na ação penal.
 2. A assistência e apoio às vítimas deve proporcionar, pelo menos, o seu alojamento condigno e seguro e assistência material, bem como o tratamento médico necessário.
 3. A proteção e a assistência às vítimas devem ser prestadas tendo em consideração a sua idade e sexo, bem como as suas necessidades especiais resultantes nomeadamente de uma eventual gravidez, do seu estado de saúde, de deficiência, de distúrbios mentais ou psicológicos de que sofram, ou de terem sido alvo de formas graves de violência psicológica ou sexual.
 4. As medidas de assistência, apoio e proteção às crianças que sejam vítimas de tráfico de pessoas devem atender primacialmente ao superior interesse da criança.
1. Tenke fó assisténsia no apoiu ba vítima sira bazeia ba konsensuál no fó-hatene nanis, la depende ba sira-nia vontade atu kooperera iha investigasaun ka iha asaun penál.
 2. Assisténsia no apóiu ba vítima sira tenke proporsiona, pelumenus, ho hela-fatin ne'ebé ho dignu no hakmatek no ajudu materiál, nune'e mós tratamentu médiku bainhira presiza.
 3. Protesaun no assisténsia ba vítima sira tenke konsidera ho ninia idade no seksu, nune'e mós ninia nesesidade espesiál ne'ebé mosu hanesan isin-rua, saúde di'ak ka lae, defisiénsia, distúrbiu mentál ka psikolójiku ne'ebé nia hetan, ka sai hanesan alvu ba violénsia psikolójika ka seksuál ne'ebé boot liu.
 4. Medida assisténsia sira, apoiu no protesau ba labarik sira ne'ebé sai vítima ba tráfik u manu tenke atende ho prioridade liu ba labarik nia interese bootliu.

Artigo 17.º

Medidas de proteção e assistência das vítimas

As vítimas de tráfico de pessoas beneficiam das seguintes medidas de proteção:

- a) Direito a comunicar, quando seja do seu interesse, com a embaixada, consulado ou com a representação oficial do seu país de origem, designadamente para efeitos de regresso ao mesmo, obtenção de documentação oficial ou estabelecimento da identidade, entre outros;
- b) Direito a permanecer em Timor-Leste ao abrigo do disposto no artigo 23.º;
- c) Aconselhamento e prestação de informações, nomeadamente sobre os direitos que a lei lhes reconhece e os serviços postos à sua disposição, numa língua que compreendam;
- d) Ajuda de tradutor ou intérprete durante todo o processo, quando não conheça ou domine nenhuma das línguas oficiais;

Artigo 17.º

Medida protesau no assisténsia ba vítima sira

Vítima sira tráfik u manu sei hetan benefísiu ba medida protesau sira tuirmai:

- a. Direitu hodi komunika, bainhira nu'udar ninia interese, ho embaixada, konsuladu ka reprezentasaun ofisiál hosi vítima nia país orijen, liuliu kona-ba atu filafali ba nia rain, hetan dokumentasaun ofisiál ka estabeselese identidade, no sira seluk tan;
- b. Direitu atu hela iha Timor-Leste tuir saida maka hatuur tiha iha artigu 23.º;
- c. Fó akonsellamentu no informasaun, hanesan kona ba direitu ne'ebé lei rekoñese no servisu hirak be sira halo hela, iha lian ne'ebé sira komprende;
- d. Tradutór ka durubasa ajuda iha prosesu tomak nia laran, bainhira la hatene ka la domina lian ofisiál rua ne'e ida;

- | | |
|---|---|
| e) Proteção jurídica, incluindo aconselhamento e patrocínio judiciário; | e. Protesaun jurídika, inklui akonsellamentu no patrosíniu judisiáriu; |
| f) Acesso a tratamento médico urgente de que necessite, nos termos gerais; | f. Asesu ba tratamentu médiku ne'ebé presiza urjente, tuir termu jerál; |
| g) Acomodação adequada e segura, bem como apoio psicológico e material; | g. Akomodasaun ne'ebé adequada no ho segura, no mós apoiu psikolójiku no materiál; |
| h) Apoio social nos casos de comprovada situação de carência económica e social; | h. Apoiu sosiál ba kazu sira ne'ebé komprova situasaun ho karénsia ekonómika no sosiál; |
| i) Reserva de confidencialidade no processo judicial e outros procedimentos relativos ao crime de tráfico de pessoas. | i. Rai metin konfidensialidade iha prosesu judisiál no prosedimentu sira seluk kona-ba krimi tráfik u manu. |

Artigo 18.º

Proteção às vítimas menores

1. É garantido o acesso privilegiado aos serviços de proteção e assistência previstos no artigo anterior aos menores que sejam vítimas de tráfico de pessoas.
2. No caso de a idade da vítima de tráfico de pessoas ser incerta e existirem motivos razoáveis para crer que se trata de um menor, presume-se que essa pessoa é menor a fim de ter acesso imediato à assistência, apoio e proteção referidas no número anterior.
3. No caso de haver motivos razoáveis para crer que um menor possa ser ou ter sido vítima de tráfico de pessoas, presume-se, para todo os efeitos da lei, que o mesmo é vítima de tráfico de pessoas.
4. Nos casos em que a vítima seja um menor não acompanhado, as autoridades competentes devem, com prioridade e urgência:
 - a) Tomar as medidas adequadas para estabelecer a sua identidade e nacionalidade;
 - b) Tomar as medidas necessárias para localizar o mais rapidamente possível a sua família, quando for no melhor interesse do menor;
 - c) Nomear, nos termos da legislação em vigor, um tutor para representar os interesses do menor.
5. Às vítimas menores, bem como aos filhos das

Artigo 18.º

Protesaun ba vítima menor sira

1. Sei garante asesu previlijiadu ba servisu sira protesaun no asisténsia ne'ebé temi iha artigu liubá kona-ba menor sira ne'ebé sai vítima hosi tráfik u manu.
2. Iha kazu ne'ebé sei laran-rua ba vítima tráfik u manu nia idade no iha razaun ne'ebé hatudu duni katak ne'e trata hanesan menor, prezumi katak ema ne'e menor hodi bele hetan asesu kedas ba asisténsia, apoiu no protesaun ne'ebé temi tiha iha artigu liubá.
3. Bainhira iha motivu razoavel atu fiar katak menor ida bele sai ka sai ona vítima tráfik u manu, prezumi, ba efeito hotu-hotu lei nian, katak nu'udar vítima tráfik u manu duni.
4. Iha kazu sira ne'ebé vítima hanesan menor laho akompañamentu, autoridade competente sira tenke, ho prioridade no urjénsia:
 - a) Foti medida sira ne'ebé adequadu hodi estabelese nia identidade no nasionalidade;
 - b) Foti medida sira ne'ebé presiza hodi lokaliza ninia família ho lalais, bainhira presiza ba menor ninia di'ak.
 - c) Nomeia, tuir lejizlasaun ne'ebé vijente hela, tutór ida hodi reprezenta menor nia interese.
5. Ba vítima menor sira, nune'e mós vítima sira-nia

vítimas que recebam assistência e proteção nos termos do artigo anterior, é assegurada a assistência por profissionais qualificados para responder às suas necessidades específicas, nomeadamente de alojamento, cuidados de saúde e educação.

6. Sempre que possível e justificado, à família ou aos representantes legais do menor vítima de tráfico de pessoas é prestada a assistência e o apoio previstos no artigo anterior, nomeadamente o acesso às informações que forem relevantes para a proteção dos seus interesses.
7. Para os efeitos da presente lei, é menor quem tiver menos de 18 anos.

Artigo 19.º

Identificação das vítimas

1. Considera-se identificada como vítima de tráfico de pessoas toda a pessoa em relação à qual hajam sido adquiridos indícios da prática desse crime por autoridade judiciária, órgão de polícia criminal ou entidade policial.
2. Todas as entidades públicas e privadas estão obrigadas a cooperar com as autoridades judiciárias, os órgãos de polícia criminal ou outras entidades policiais com vista à identificação célere das vítimas de tráfico de pessoas.

Artigo 20.º

Proteção policial

1. É garantida proteção policial à vítima de crime de tráfico de pessoas sempre que a sua vida, integridade física ou liberdade sejam postas em perigo.
2. A proteção policial é ordenada por despacho da autoridade judiciária competente, oficiosamente ou a requerimento da vítima ou do seu representante legal.
3. A proteção policial é assegurada pela Polícia Nacional de Timor-Leste, sem prejuízo do dever do órgão de polícia perante o qual decorrem as diligências de investigação

oan simu asisténsia no protesaun tuir artigu liubá, profesionál kualifikadu sira mak asegura asisténsia hodi hatán sira-nia nesesidade spesífika, maka hanesan alojamentu, kuidadu saúde no edukasaun.

6. Bainhira bele no iha justifikasaun, ba família no representante legal ba menor vítima tráfico umanu sira sei hetan asisténsia no apoiu tuir saida maka hatuur tiha iha artigu liubá, hanesan asesu ba informasaun ne'ebé iha relasaun ho protesaun ba sira-nia interese.
7. Ba efeito sira lei ida-ne'e nian, menor maka ema ne'ebé seidak halo tinan 18.

Artigu 19.º

Identifikasaun ba vítima sira

1. Konsidera hanesan vítima tráfico umanu nian maka ema hotu-hotu ne'ebé iha ona indísiu prátika krimi nian ne'ebé identifika hosi autoridade judisiária, órgaun polísia kriminal ka entidade polisiál.
2. Entidade pública no privada hotu-hotu tenke koopera ho autoridade judisiária sira, órgaun polísia kriminal ka entidade polisiál sira seluk ho objetivu atu identifika lalais vítima tráfico umanu sira.

Artigu 20.º

Protesaun polisiál

1. Sei garante katak polísia fó protesaun ba vítima kríme tráfico umanu bainhira ninia vida, integridade física ka liberdade hasoru perigo.
2. Protesaun polísia nian hetan liuhosi despaxu hosi autoridade judisiária competente, ho ofisiozu ka liuhosi vítima nia rekerimentu ka ninia representante legal.
3. Polísia Nasionál Timor-Leste maka fó protesaun polisiál, la prejudika devér órgaun polísia nian kona-ba devér hodi hala'o dilijénsia sira investigasaun nian atu garante uluk protesaun

garantir a proteção policial antes da ordem a que se refere o número anterior.

4. É correspondentemente aplicável o disposto na lei sobre proteção de testemunhas.

Artigo 21.º

Aconselhamento jurídico e patrocínio judiciário

1. À vítima do tráfico de pessoas que não disponha de recursos financeiros suficientes é assegurado aconselhamento jurídico e patrocínio judiciário gratuito nos termos da lei, incluindo para efeitos de pedido de indemnização.
2. Não obstante o direito consagrado no número anterior, a vítima de tráfico de pessoas pode fazer-se representar por advogado privado.

Artigo 22.º

Proteção da vida privada e dever de sigilo

1. Os dados pessoais sobre as vítimas de tráfico de pessoas são confidenciais, sem prejuízo da sua utilização nos termos da lei.
2. Também se consideram confidenciais as informações que possam ser usadas para determinar a identidade ou paradeiro da vítima de tráfico de pessoas, da sua família direta ou outras pessoas próximas.
3. Todas as pessoas ou entidades que participem, de qualquer forma, no processo de proteção e assistência à vítima de tráfico de pessoas são obrigados a manter o sigilo sobre todas as informações de que tomem conhecimento sobre a vítima.
4. O disposto nos números anteriores não prejudica a partilha de dados e informações para a prevenção e repressão do tráfico de pessoas entre as entidades oficiais relevantes, desde que tal não afete a confidencialidade dos dados pessoais relativos à vítima de tráfico de pessoas.

polisia nian molok orden ida-ne'ebé temi iha número liubá.

4. Sai aplikavel dispostu iha lei protesaun testemuña nian.

Artigu 21.º

Akonsellamentu jurídku no patrosíniu jurídku

1. Vítima tráfikú umanu ne'ebé la iha rekursu finanseiru natoon sei hetan akonsellamentu jurídku no patrosíniu judisiáriu gratis tuir lei, inklui ba efeitou pedidu indemnizasaun nian.
2. La kontra direitu ne'ebé halulik iha número liubá, vítima tráfikú umanu bele husu atu advogadu privadu ida maka reprezenta nia

Artigu 22.º

Protesaun ba vida privada no devér sijílu

1. Dadus pesoál sira kona-ba vítima tráfikú umanu sai nu'udar konfidensiál, la prejudika ninia utilizasaun tuir lei.
2. Konsidera konfidensiál mós informasaun sira ne'ebé bele uza hodi determina identidade ka paradeiru hosi vítima tráfikú umanu, ninia família rasik ka ema sira ne'ebé besik nia.
3. Ema hotu-hotu ka entidade sira ne'ebé partisipa, ho forma saida de'it, iha prosesu fô protesaun no asisténsia ba vítima tráfikú umanu hetan obrigasaun atu rai sijílu kona-ba informasaun hotu-hotu ne'ebé hatene kona-ba vítima.
4. Buat ne'ebé hakerek iha número sira liubá la prejudika atu fahe dadus no informasaun hodi halo prevensaun no represaun ba tráfikú umanu ne'ebé hala'o entre entidade ofisiál relevante sira, bainhira de'it la afeta konfidensialidade hosi dadus pesoál kona-ba vítima tráfikú umanu.

SECCÃO II

Regime especial de concessão de autorização de residência às vítimas

Artigo 23.º

Período de reflexão e restabelecimento

1. Ao cidadão estrangeiro que tenha sido identificado como vítima de tráfico de pessoas é concedido um prazo de reflexão que lhe permita recuperar e escapar à influência dos autores das infrações em causa, de modo a poder tomar uma decisão informada sobre se coopera ou não com as autoridades competentes.
2. O prazo de reflexão a que se refere o número anterior tem uma duração máxima de 90 dias, contados a partir do momento em que a pessoa em causa é identificada como vítima de tráfico de pessoas.
3. Durante o prazo de reflexão, a vítima tem direito ao tratamento previsto no artigo 17.º, não podendo contra ela ser executada qualquer medida de afastamento.
4. O prazo de reflexão não confere à vítima de tráfico de pessoas qualquer direito de residência em território nacional.

Artigo 24.º

Autorização de residência em território nacional

1. É concedida autorização de residência ao cidadão estrangeiro que seja vítima de tráfico de pessoas, mesmo que tenha entrado ilegalmente no país e não preencha as condições gerais de concessão de autorização de residência, nos termos da lei.
2. A autorização de residência é concedida à vítima de tráfico de pessoas após o termo do prazo de reflexão a que se refere o artigo anterior, sempre que as autoridades competentes entendam que a sua permanência se mostre necessária tendo em conta:
 - a) A sua situação pessoal e familiar, nomeadamente a sua segurança e saúde, dos seus familiares ou pessoas com quem

SEKSAUN II

Rejime espesial hodi fó autorizasaun ba vítima hela iha teritóriu nasionál

Artigu 23.º

Periódú ba reflesaun no restabelesimentu

1. Sidadaun estranjeiru ne'ebé identifika ona hanesan vítima hosi tráfiku umanu, sei fó prazu hodi halo reflesaun ne'ebé tulun nia atu hadi'akan fali no halakon influénsia hosi autór sira infrasaun nian, ho biban atu foti desizaun kona-ba atu koopera ka la koopera ho autoridade kompetente sira.
2. Prazu ba reflesaun ne'ebé temi iha número liubá dura máxima loron-90, sura hosi momentu ne'ebé identifika ema ne'e hanesan vítima tráfiku umanu.
3. Iha prazu reflesaun nia laran, vítima iha direitu atu hetan tratamentu ne'ebé hatuur tiha iha artigu 17.º, la bele kontra nia hodi ezekuta fali medida afastamentu saida de'it.
4. Prazu reflesaun la fó direitu saida de'it ba vítima tráfiku umanu hodi hela iha teritóriu nasionál.

Artigu 24.º

Autorizasaun hodi hela iha teritóriu nasionál

1. Sei fó autorizasaun ba sidadaun estranjeira ne'ebé nu'udar vítima ka sai ona vítima tráfiku umanu hodi hela iha teritóriu nasionál, maske tama mai País ho ilegál no la prienxe kondisaun jerál sira hodi fó autorizasaun atu hela iha-ne'e, tuir lei.
2. Autorizasaun hodi hela iha teritóriu nasionál sei fó ba vítima tráfiku umanu hafoin ramata tiha prazu reflesaun ne'ebé temi iha artigu liubá, bainhira de'it autoridade kompetente sira hanoin katak vítima nia permanénsia presiza duni tanba:
 - a) Ninia situasaun rasik no família nian, liuliu ninia seguransa no saúde, ninia familia sira ka ema sira ne'ebé nia iha relasaun besik,

- mantenha relações próximas, bem como outras situações de vulnerabilidade;
- b) Para efeitos de cooperação com as autoridades na investigação e instauração de procedimentos judiciais.
3. A autorização de residência concedida nos termos dos números anteriores é válida por um período de seis meses e renovável por iguais períodos, se as condições que a determinaram se mantiverem ou se se mantiver a necessidade de proteção da vítima de tráfico de pessoas.
 4. Para efeitos do disposto no número anterior, considera-se que a necessidade de proteção se mantém enquanto houver risco de a vítima, os seus familiares ou pessoas que com ela mantenham relações próximas serem objeto de ameaças ou ofensas a bens pessoais e patrimoniais, praticadas pelos agentes dos crimes de tráfico de pessoas.
 5. Sempre que necessário e justificado, a vítima que seja titular de autorização de residência continua a beneficiar da proteção referida no artigo 17.º.
 6. O procedimento para a concessão de autorização de residência às vítimas de tráfico de pessoas segue o disposto na lei da imigração e asilo.
 7. A concessão da autorização de residência a que se referem os números anteriores não prejudica o direito da vítima de tráfico de pessoas solicitar asilo e dele beneficiar.
- hanesan mós situasaun hirak seluk ne'ebé vulneravel;
- b) Hodi hala'õ koperasaun ho autoridade sira iha investigasaun no loke prosedimentu judisiál.
3. Autorizasaun hodi hela iha territóriu nasional tuir saida maka hakerek tiha iha número sira liubá sei vale ba fulan-6 no bele hafoun fali tuir tempu hanesan, bainhira kondisaun sira ne'ebé determina hodi mantein ka sei presiza fó protesaun ba vítima tráfiku umanu.
 4. Ba efeitou número liubá nian, sei konsidera katak presiza mantein fó protesaun ba vítima bainhira iha risku ba vítima rasik, ninia família maluk sira ka ema sira ne'ebé nia iha relasaun besik, bainhira sira nu'udar objetu ba ameasa ka ofensa ba an rasik no patrimóniu, ne'ebé halo hosi ajente krimi tráfiku umanu nian.
 5. Bainhira de'it presiza no iha justifikasaun, vítima ne'ebé nu'udar na'in ba autorizasaun hodi hela, kontinua hetan benefísiu hosi protesaun ne'ebé temi tiha iha artigo 20.º.
 6. Prosedimentu hodi fó autorizasaun ba hela iha territóriu nasional ba vítima sira tráfiku umanu nian sei halo-tuir saida maka hatuur tiha iha lei imigrasaun no azilu nian.
 7. Fó autorizasaun hodi hela ne'ebé temi iha número sira liubá la prejudika direitu vítima tráfiku umanu nian atu husu azilu no hetan benefísiu hosi azilu.

Artigo 25.º

Dever de informação

As autoridades públicas ou as associações e organizações da sociedade civil, que atuem no âmbito da proteção das vítimas de tráfico de pessoas devem informar os cidadãos estrangeiros identifica dos como vítimas de tráfico de pessoas da possibilidade de beneficiarem do disposto nos artigos 23.º e 24.º.

Artigo 25.º

Devér ba informasaun

Autoridade pública ka asosiasaun no organizaun sira sosiedade sivil nian, ne'ebé hala'õ asaun hodi fó protesaun ba vítima sira tráfiku umanu tenke fó-hatene sidadaun estranjeira sira-ne'ebé identifika ona nu'udar vítima tráfiku umanu kona-ba possibilidade hodi hetan benefísiu hosi dispostu iha número sira liubá.

SECÇÃO III

Regresso das vítimas ao país de origem ou onde tenham o direito de residir

Artigo 26.º

Regresso das vítimas

1. O Estado deve facilitar e aceitar o regresso das vítimas de tráfico de pessoas que sejam cidadãos timorenses ou ainda das que tenham residência permanente em Timor-Leste, tendo em devida consideração os direitos, a segurança e a dignidade das mesmas.
2. Para os efeitos do disposto no número anterior, as autoridades competentes devem agilizar, sem atrasos injustificados, a emissão dos documentos de viagem ou qualquer outra autorização necessária para permitir à pessoa deslocar-se e voltar a entrar no território timorense.
3. As informações relativas à repatriação e ao facto de a pessoa ter sido vítima de tráfico de pessoas não devem constar nos documentos de identidade da mesma, nem ficar registadas em nenhuma base de dados de informação pessoal que possa acarretar consequências negativas para a pessoa, nomeadamente o seu direito de saída do país ou de entrada noutro país.

Artigo 27.º

Apoio ao regresso voluntário das vítimas

1. O Estado pode apoiar o regresso voluntário de cidadão estrangeiro que seja vítima de tráfico de pessoas ao seu país de origem ou onde tenha residência permanentemente, nomeadamente no âmbito de programas de cooperação estabelecidos com organizações internacionais ou organizações não-governamentais que atuem na área da assistência às vítimas de tráfico de pessoas.
2. O regresso de um cidadão estrangeiro que seja ou tenha sido vítima de tráfico de pessoas ao seu país de origem ou ao país onde tenha residência permanente deve ter em

SEKSAUN III

Vítima sira filafali ba ninia País ka fatin ne'ebé sira iha direitu hodi hela

Artigu 29.º

Vítima sira filafali

1. Estadu tenke fasilita no simu vítima sira tráfiku umanu ne'ebé nu'udar timoroan hodi filafali mai Timór ka sira-ne'ebé sei iha direitu atu hela iha Timor-Leste, tenke konsidera ho direitu, seguransa no dignidade rasik.
2. Ba efeito número liubá nian, autoridade competente sira tenke ajila, lahó iha atrazu injustifikadu, emisaun ba dokumentu viajen nian ka autorizasaun saida de'it ne'ebé presiza atu premite ema ne'e desloka no tama fali iha Timór.
3. Informasaun sira kona-ba repatriasaun no faktu katak ema ne'e sai tiha nu'udar vítima tráfiku umanu la bele tau iha dokumentu identidade ema ne'e nian, satán rejista iha baze dados ba informasaun pesoál ne'ebé bele hamosu konsekuensi negativa ba ema ne'e, liuliu ninia direitu atu sai hosi País ka tama País seluk.

Artigu 27.º

Fó-tulun ba vítima sira-ne'ebé filafali ho voluntáriu

1. Estadu bele fó-tulun ba sidadaun estranjeiru ne'ebé uluk sai tiha vítima ka sai hela vítima ba tráfiku-umanu no filafali ho voluntáriu ba nia rain ka fatin ne'ebé nia iha direitu hodi hela-metin, liuliu ba programa kooperasaun ne'ebé estabelese tiha ho organizasaun internasionál ka organizasaun la-governamentál sira ne'ebé serbisu iha área assisténsia ba vítima tráfiku umanu.
2. Sidadaun estranjeiru ne'ebé nu'udar ka sai ona vítima tráfiku umanu no filafali ba ninia rain ka rai ida-ne'ebé nia iha direitu hodi hela-metin-ba tenke konsidera ho direitu, seguransa no dignidade

devida consideração os direitos, a segurança e a dignidade da pessoa, bem como o estado de qualquer processo judicial relacionado com o seu estatuto de vítima.

3. As vítimas de tráfico de pessoas que sejam menores não são repatriadas para o seu país de origem ou onde tenham residência permanente se, após uma avaliação individual sobre os riscos e a sua segurança, se considerar que o seu regresso não corresponde ao seu superior interesse.
4. As despesas necessárias ao regresso voluntário ao país de origem ou onde tenham residência permanente dos cidadãos estrangeiros que sejam ou tenham sido vítimas de tráfico de pessoas, e que se encontrem em situação de carência de meios de subsistência, são suportadas pelo Estado, desde que não seja possível obter o necessário apoio das representações diplomáticas dos seus países.
5. Para a satisfação dos encargos resultantes da aplicação do disposto no número anterior é inscrita dotação suficiente no orçamento do serviço competente pela migração.

CAPÍTULO V

Prevenção, cooperação e outras medidas

SECÇÃO I

Medidas gerais de prevenção

Artigo 28.º

Prevenção

1. O Estado deve tomar as medidas adequadas a fim de desencorajar e reduzir a procura que favorece todas as formas de exploração das pessoas, em particular mulheres e crianças, conducente ao tráfico, nomeadamente:
 - a) Medidas visando a consciencialização da responsabilidade e do importante papel dos meios de comunicação e da sociedade civil na identificação da procura como uma das causas profundas do tráfico de pessoas, nomeadamente através da

nu'udar ema, hanesan mós ninia situasaun hosi prosesu judisiál ba saida de'it ne'ebé iha relasaun ho ninia estatutu nu'udar vítima.

3. Vítima sira tráfiku umanu nian ne'ebé menór la haruka atu filafali ba sira-nia rain ka rai ne'ebé sira iha direitu hodi hela-metin bainhira, hafoin hala'o tiha avaliaun individuál kona-ba ameasa no seguransa, konsidera katak sira atu filafali ne'e la iha desizaun ida-ne'ebé di'ak atu proteje sira-nia interese.
4. Estadu maka suporta despeza sira-ne'ebé preziza hodi fó-tulun ba sidadaun estranjeiru sira-ne'ebé nu'udar ka sai hela de'it vítima ba tráfiku umanu be atu filafali ho voluntáriu no la iha meu subsistênsia, naran katak la bele hetan apoiu hosi representasaun diplomátika sira-nia rain nian.
5. Hodi hatán ba enkargu hirak-ne'ebé maihosi aplikasaun ba saida maka hatuur tiha iha número liubá nian, inskreve dotasaun ne'ebé natoon iha orsamentu hosi servisu competente ba migrasaun.

KAPÍTULU V

Prevensaun, kooperasaun no medida hirak seluk

SEKSAUN I

Medida jerál sira ba prevensaun

Artigu 28º

Prevensaun

1. Estadu tenke foti medida sira-ne'ebé loos atu nune'e halakon-brani no hamenus hahalok-buka ne'ebé loke-dalan oioin hodi halo esplorasau ba ema, liuliu feto no labarik sira ne'ebé, monu ba tráfiku, liuliu:
 - a) Medida sira-ne'e ho objetivu atu konsensializa responsabilidade no papél ne'ebé importante hosi meu komunikasaun no sosiedade sivil nian atu fó-tulun hodi buka kauza ida ne'ebé kle'an tebes ba tráfiku ema, liuliu halo hosi internet, kampaña informasaun no

internet, de campanhas de informação e sensibilização, programas de investigação e educação;

- b) Medidas preventivas que incluam programas educativos destinados às crianças e jovens em fase de escolaridade, que sublinhem o carácter inaceitável da discriminação com base no sexo e suas consequências nefastas, a importância da igualdade entre mulheres e homens, bem como a dignidade e a integridade de cada ser humano.
2. O Estado deve ainda promover a formação regular dos funcionários e agentes da justiça e outros que possam intervir ou contactar com as vítimas de tráfico de pessoas, incluindo os agentes da polícia no terreno, a fim de que estes possam identificar e lidar com as vítimas.
3. Sempre que possível, para os efeitos do disposto no presente artigo, o Estado deve atuar em cooperação com organizações relevantes internacionais, da sociedade civil e outras partes interessadas.

Artigo 29.º

Medidas nas fronteiras e segurança dos documentos

1. O Estado tem o dever de reforçar, na medida do possível, os controlos fronteiriços necessários para prevenir e detetar o tráfico de pessoas.
2. O Estado deve garantir autorização de entrada em território nacional às pessoas que se apresentam nos postos fronteiriços e em relação às quais haja uma forte suspeita de serem vítimas de tráfico de pessoas.
3. O Estado deve tomar as medidas necessárias para assegurar que a qualidade dos documentos de viagem ou de identidade por si emitidos dificulta a sua utilização indevida ou a sua falsificação ou alteração, bem como a sua reprodução ou emissão ilícitas.

sensibilizaun, programa investigasaun no edukasaun nian;

- b) Medida preventiva sira-ne'ebé inklui programa edukativu ba labarik no foin-sa'e sira iha faze eskolaridade nian, ne'ebé la simu karáter diskriminasaun, haree hosi seksu no ninia konsekuénsia ne'ebé ladi'ak, importánsia ba igualdade entre fetu ho mane, hanesan mós dignidade no integridade ema ida-idak nian.
2. Estadu tenke promove mós formasaun regulár ba funsiunáriu no ajente justisa no sira seluk ne'ebé bele halo intervensaun ka kontaktu ho vítima sira tráfikú umanu nian, inklui mós ajente polisia sira iha terrenu, atu nune'e sira bele identifika no hakbesik liután ba vítima sira.
3. Bainhira de'it bele, ba efeito dispostu artigu ida-ne'e nian, Estadu tenke serbisu hamutuk ho organizasaun internasionál sira-ne'ebé relevante, sosiedade sivíl no parte sira seluk ne'ebé iha interese.

Artigu 29.º

Medida sira iha fronteira no fó seguransa ba dokumentu sira

1. Estadu iha devér hodi hametin, tuir dalan ne'ebé bele, kontrolu ne'ebé presiza hodi prevene no detekta tráfikú umanu.
2. Estadu tenke garante kona-ba autorizasaun hodi tama iha territóriu nasionál ba ema sira ne'ebé apresenta-an iha postu fronteira nian no relaciona ho ida-ne'e hamosu suspeita forte katak sira nu'udar vítima hosi tráfikú umanu.
3. Estadu tenke foti medida sira-ne'ebé presiza hodi asegura katak qualidade hosi dokumentu viajen ka identidade nian ne'ebé fô-sai tiha difikulta atu la bele uza ka nu'udar falsu ka iha alterasaun, hanesan mós prodús filafali ka halo emisaun ilísita.

SECCÃO II

Comissão de Luta Contra o Tráfico de Pessoas

Artigo 30.º

Atribuições

1. A Comissão de Luta Contra o Tráfico de Pessoas, doravante abreviadamente designada por CLCTP, é o organismo especialmente incumbido de coordenar, a nível nacional, as ações das diferentes entidades responsáveis pela prevenção e luta contra o tráfico de pessoas.
2. Cabe ainda à CLCTP promover e assegurar a cooperação com as entidades estrangeiras no combate ao tráfico de pessoas, bem com o acompanhar a aplicação das disposições das convenções que Timor-Leste tenha ratificado ou venha a ratificar em matéria de tráfico de pessoas.
3. Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, são atribuições da CLCTP:
 - a) Elaborar o plano nacional contra o tráfico de pessoas;
 - b) Elaborar anualmente o plano de atividades para a execução do plano nacional contra o tráfico de pessoas;
 - c) Coordenar, no respeito pelas atribuições próprias de cada uma das entidades governamentais envolvidas, as ações necessárias a garantir as medidas de proteção e assistência às vítimas de tráfico de pessoas previstas na presente lei;
 - d) Assegurar a coordenação das entidades governamentais e não governamentais necessária ao apoio do regresso ou repatriamento das vítimas de tráfico de pessoas ao seu país de origem ou onde tenham o direito de residir;
 - e) Reunir e organizar os dados sobre o crime do tráfico de pessoas;
 - f) Monitorizar os resultados da aplicação das políticas, programas e medidas de combate ao tráfico de pessoas;
 - g) Determinar as melhores práticas e

SEKSAUN II

Komisaun ba Luta Anti-Tráfiku Umanu

Artigu 30.º

Komisaun ba Luta Anti-Tráfiku Umanu

1. Komisaun ba Luta Anti-Tráfiku Umanu, iha oinmai temi ho liafuan badak KLATU, nu'udar organizmu ne'ebé iha responsabilidade atu koordena, iha nivel nasional, asaun hosi entidade lahanesan ne'ebé responsabiliza ba prevensaun noluta kontra tráfiku ba ema.
2. KLATU mós iha responsabilidade atu promove no asegura serbisu-hamutuk ho entidade estrangeira sira hodi kombate tráfiku ba ema, hanesan mós akompaña aplikasaun ba dispozisaun hosi konvensaun hirak-ne'ebé Timor-Leste ratifika ona ka atu ratifika kona-ba tráfiku umanu.
3. Lahó prejudika dispostu iha número hirak liubá, KLATU iha atribuisaun sira tuirmai:
 - a) Elabora planu nasional ba anti-tráfiku umanu;
 - b) Elabora, tinan-tinan, planu atividade hodi ezekuta planu nasional ba luta kontra tráfiku ba ema;
 - c) Koordena, hodi respeita atribuisaun rasik hosi entidade governamental ida-idak ne'ebé envolve-an, asaun hirak-ne'ebé presiza atu garante medida protesau no asisténsia ba vítima sira tráfiku umanu nian ne'ebé prevee iha lei ida-ne'e;
 - d) Asegura koordenasau hosi entidade governamental no la-governamental sira ne'ebé presiza hodi fó-apoiu atu filafali ka atu fó-hikas pátria ba vítima sira tráfiku-umanu nian ba sira-nia rain rasik ka rai ne'ebé sira iha direitu atu hela;
 - e) Tau-hamutuk no organiza dadus kona-ba krimi tráfiku ba ema;
 - f) Monitoriza rezultadu aplikasaun política, programa no medida sira hodi kombate tráfiku ba ema;
 - g) Hatuur prátika sira-ne'ebé di'akliu no formula

- formular recomendações para melhorar as respostas no âmbito do combate ao crime de tráfico de pessoas;
- h) Promover campanhas informativas com o objetivo de alertar o público para a problemática do crime de tráfico de pessoas;
- i) Promover ações de formação sobre a prevenção e a repressão do tráfico de pessoas, situação da vítima, mecanismos de identificação e de proteção das vítimas, particularmente dirigidos a pessoas vulneráveis ao tráfico e aos profissionais envolvidos na luta contra o tráfico de pessoas;
- j) Colaborar com as entidades relevantes, reconhecidas pelo Estado, para a promoção da reabilitação e da reintegração das vítimas de tráfico de pessoas;
- k) Apresentar um relatório anual com recomendações no âmbito da prevenção e combate ao tráfico de pessoas.
4. A CLCTP é criada por decreto-lei, que define a sua composição, estrutura e modo de funcionamento.
5. A CLCTP é composta por representantes dos organismos do Governo responsáveis pelas áreas da justiça, da segurança, das relações externas, da cooperação e da solidariedade social.
6. Para além do disposto no número anterior, o Governo deve garantir a representatividade e a participação do “Grupo Servisu ba Tráfiku Umanu” na CLCTP, face à sua comprovada experiência, conhecimento e trabalho desenvolvido em matéria de tráfico de pessoas.
- rekomendasaun atu hadi’ak resposta hodi kombat krimi tráfiku ba ema;
- h) Promove kampaña liuhosi informasaun ho objetivu atu bolu públiku nia atensaun ba problema krimi tráfiku ba ema;
- i) Promove asaun ba formasaun kona-ba atu prevene no teri-netik tráfiku ba ema, vítima nia situasaun, mekanizmu hodi halo identifikasaun no fó protesaun ba vítima sira, ida-ne’e fó liuliu ba ema sira-ne’ebé nakloke hela ba susar tráfiku nian no ba profesionál sira-ne’ebé envolve-an hodi luta kontra tráfiku ba ema;
- j) Kolabora ho entidade relevante sira, ne’ebé Estadu rekoñese, hodi promove atu hadi’a no reintegra vítima sira tráfiku umanu nian;
- k)Apresenta relatóriu anuál ida ho rekomendasaun atu prevene no kombat tráfiku ba ema.
4. KLATU harii liuhosi dekretu-lei Governu nian, ne’ebé sei determina ninia kompozisaun, estrutura, no modu funsionamentu nian.
5. KLATU komposta hosi representante hosi organizmu sira Governu nian ne’ebé nu’udar responsavel ba área justisa, seguransa, relasaun esterna, kooperasaun no solidariedade sosiál.
6. Alende dispostu iha número liubá, Governu tenke garante representasaun no partisipasaun hosi “Grupu Servisu ba Tráfiku Umanu” iha KLATU, haree ba ninia esperiênsia ne’ebé komprova ona, koñesimentu no traballu ne’ebé dezenvolve ona kona-ba tráfiku umanu.

Artigo 31.º

Plano Nacional Contra o Tráfico de Pessoas

1. A estratégia para a execução das medidas de prevenção e combate ao tráfico de pessoas e de proteção e assistência das suas vítimas

Artigo 31.º

Planu Nasionál ba Anti-Tráfiku ba Ema

1. Estratéjia hodi ezejuta medida prevensaun no kombat tráfiku umanu no fó protesaun no assistênsia ba ninia vítima sira ne’ebé prevee iha

previstas na presente lei, bem como a indicação das entidades responsáveis pela sua execução, são definidas no plano nacional contra o tráfico de pessoas.

2. A CLCTP é a entidade responsável pela elaboração e coordenação do plano nacional contra o tráfico de pessoas, cabendo-lhe, nomeadamente, a dinamização e o acompanhamento da execução das medidas nele constante.

SECÇÃO III **Cooperação** **Artigo 32.º**

Cooperação e coordenação internacional

1. Ao Estado e às entidades competentes nos termos da presente lei, bem como aos seus agentes, cabe promover a cooperação, através de mecanismos bilaterais, regionais e internacionais, no desenvolvimento de estratégias e de formas de atuação comuns para prevenir e combater o tráfico de pessoas.
2. Sem prejuízo do que resultar das obrigações já assumidas pelo Estado timorense, para os efeitos do disposto no número anterior, as entidades competentes devem nomeadamente:
 - a) Desenvolver acordos de cooperação destinados a facilitar a rápida identificação das vítimas de tráfico de pessoas, os quais incluam a difusão e a partilha de informação relativa à nacionalidade e ao direito de residência das pessoas em causa;
 - b) Estabelecer mecanismos destinados a facilitar a partilha de informação relativa aos traficantes e seus métodos de atuação;
 - c) Desenvolver procedimentos e protocolos para a realização conjunta de inquéritos;
 - d) Assegurar a cooperação judicial internacional nas investigações e processos judiciais relativos ao tráfico de pessoas;

lei ida-ne'e, hanesan mós hatudu entidade sira-ne'ebé responsabiliza ba ninia ezekusaun, defini iha planu nasionál ba luta kontra tráfik-u-manu.

2. KLATU nu'udar entidade responsavel ba elaborasaun no koordenasau Planu Nasionál Anti-Tráfik Umanu, iha responsabilidade liuliu atu halo sai dinámiku no akompañia ezekusaun medida sira-ne'ebé hatuur tiha.

SEKSAUN III **Kooperasaun** **Artigu 32.º**

Kooperasaun no koordenasau internasionál

1. Ba Estadu no ba entidade sira-ne'ebé iha kompeténsia tuir termu lei ida-ne'e nian, hanesan mós ninia ajente sira, iha responsabilidade atu promove kooperasaun, liuhosi mekanizmu bilaterál, rejionál no internasionál sira, ba dezvoltimentu estratéjia no dalan atu halo atuasaun hanesan hodi prevene no kombaté tráfik u-manu.
2. Lahó prejudika buat ne'ebé maihosi obligasaun be Estadu Timór asumi tiha, no ba efeitu dispostu número liubá nian, entidade competente sira tenke, liuliu:
 - a) Dezenvolve akordu kooperasaun sira ne'ebé destina ba fasilita identifikaun lalais ba vítima sira tráfik u-manu nian, ne'ebé inklui habelar no fahe informasaun kona-ba nasionalidade no direitu ba rezidénsia hosi vítima sira;
 - b) Hatuur mekanizmu hodi fasilita atu fahe informasaun kona-ba trafikante no ninia métodu atuasaun nian;
 - c) Dezenvolve prosedimentu no protokolu atu realiza hamutuk inkéritu sira;
 - d) Asegura kooperasaun judisiál internasionál nian iha investigasaun no prosesu judisiál sira kona-ba tráfik u-manu;

- e) Estabelecer mecanismos de cooperação para a apreensão dos produtos do tráfico de pessoas;
 - f) Partilhar informação em matéria da aplicação dos programas de assistência, repatriamento e integração;
 - g) Encorajar e facilitar a cooperação entre organizações não-governamentais e outras organizações da sociedade civil nos países de origem das vítimas de tráfico de pessoas, de modo a assegurar a prestação de apoio e assistência às vítimas repatriadas.
- e) Hatuur mekanizmu kooperasaun nian hodi tahan produktu sira trafíku umanu nian;
 - f) Fahe informasaun kona-ba aplikasaun programa asisténsia, repatriamentu no integrasaun;
 - g) Fó aten-brani no fasilita kooperasaun entre organizasaun la-governamentál no organizasaun sira seluk sosiedade sivil nian hosi rai orijen vítima trafíku umanu sira-nian, nu'udar dalan atu asegura fó-apoiu no asisténsia ba vítima sira ne'ebé filafali ba pátria.

Artigo 33.º

Cooperação com a sociedade civil

As entidades competentes nos termos da presente lei cooperarão com as demais entidades públicas, organizações não-governamentais, outras organizações relevantes e membros da sociedade civil, o mais amplamente possível, por forma a estabelecer parcerias estratégicas com vista a:

- a) Prevenir e combater o tráfico de pessoas;
- b) Proteger e prestar assistência às suas vítimas;
- c) Proceder a investigações ou inquirições nos processos relativamente às infrações penais relativas ao tráfico de pessoas.

CAPÍTULO VI

Disposições finais

Artigo 34.º

Alteração ao Código Penal

Os artigos 163.º e 164.º do Código Penal, aprovado pelo Decreto-lei n.º 19/2009, de 8 de abril, e alterado pelas Leis n.ºs 6/2009, de 15 de julho, 17/2011, de 28 de dezembro, e 5/2013, de 14 de agosto, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 163.º

[...]

1. Quem recrutar, oferecer, entregar, aceitar, transportar, transferir, alojar ou acolher

Artigu 33.º

Kooperasaun ho sosiedade sivil

Entidade competente sira tuir termu lei ida-ne'e nian sei serbisu-hamutuk ho entidade pública, organizasaun la-governamentál, organizasaun relevante no membru sosiedade sivil sira seluktán, ho kbiit boot, nu'udar dalan atu estabelese parseria estratéjika ho objetivu:

- a) Prevene no kombat trafíku umanu;
- b) Proteje no fó asisténsia ba ninia vítima sira;
- c) Hala'o investigasaun no instaure prosesu ba infrasaun penál sira kona-ba trafíku umanu.

KAPÍTULU VI

Dispozisaun finál

Artigu 34.º

Alterasaun ba Kódigu Penál

Artigu 163.º no 164.º Kódigu Penál nian, ne'ebé aprova hosi Dekretu-Lei n.º 19/2009. 8 Abril, no altera tiha hosi Lei n.º 6/2009, 15 Juñu, Lei n.º 17/2011, 28 Dezembru, no Lei n.º 5/2013, 14 Agostu, hakerek fali hanesan tuirmai:

“Artigu 163.º

[...]

1. Sé mak rekruta, oferese, entrega, simu, lori, transfere, fó hela-fatin ka simu-di'ak ema hodi

- pessoa, para fins de exploração, por meio de:
 a) Ameaça ou uso da força ou de outras formas de coação; ou
 b) Rapto; ou
 c) Fraude ou engano; ou
 d) Abuso de autoridade ou de qualquer situação de vulnerabilidade; ou
 e) Da entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tem autoridade sobre outra; é punido com pena de 8 a 20 anos de prisão.
2. Para efeitos do disposto no número anterior, a exploração, inclui, no mínimo, a exploração de prostituição ou outras formas de exploração sexual, o casamento forçado, a exploração do trabalho ou dos serviços dessa pessoa, o trabalho forçado ou a servidão por dívida, a mendicidade, a escravidão, a remoção de órgãos ou a exploração de outras atividades criminosas ou ainda o uso em conflitos armados ou insurreições civis.
3. A pena prevista no n.º 1 é aplicada a quem recrutar, transportar, transferir, alojar ou acolher menor de 18 anos, para fins de exploração, mesmo que não envolva nenhum dos meios referidos nas alíneas do n.º 1.
4. Quem, tendo conhecimento da prática dos crimes previstos nos n.ºs 1 e 3, utilizar os serviços ou órgãos da vítima é punido com pena de prisão de 3 a 8 anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.
5. Para efeitos do disposto no n.º 1, o consentimento dado pela vítima é irrelevante se tiver sido utilizado qualquer um dos meios referidos nas alíneas do n.º 1.
- halo esplorasaun, liuhosi:
 a) Ameasa ka uza forsa ka forma seluk koasaun nian;
 b) Rapto;
 c) Fraude ka bosok, ka;
 d) Abuzu autoridade nian ka kualkér situasaun vulnerabilidade, ka;
 e) Entrega ka simu pagamentu ka benefísiu hodi hetan konsentimentu hosi ema ida ne'ebé iha autoridade kona-ba ema seluk; sei kastigu ho pena prizaun tinan 8 to'o 20.
- Ba efeitou dispostu número liubá nian, halo esplorasaun, pelumenus, inklui esplorasaun ba prostituisaun ka forma seluk esplorasaun seksuál, kazamentu ho forsa, esplorasaun serbisu ka halo servisu ba ema ne'e, traballu forsadu ka servidaun tanba iha dívida, husu-ezmola, halo sai-atan, ko'a-sai órgaun, halo adosaun ka esplorasaun hosi atividade kriminoza sira seluk ka uza konfliktu armadu seluk ka revolta sivíl.
- Pena ne'ebé prevee iha n.º1 aplika ba ema ne'ebé rekruta, transporta, transfere, aloja ka akonsella menor ho tinan 18, ho objetivu ba esplorasaun, maske la envolve meiu sira-ne'ebé temi iha alínea sira n.º 1.
- Sé maka hatene tiha kona-ba prátika krimi sira ne'ebé prevee iha número 1 no 3, uza ka servisu ka órgaun vítima ninian sei kastigu ho pena prizaun tinan 3 to'o 8, bainhira la aplika ba nia pena ida seluk ne'ebé grave liu ho forsa dispozisaun legál seluk.
- Ba efeitou dispostu número n.º 1 nian, konsentimentu ne'ebé vítima fó sei la vale bainhira uza kualkér meiu ida hosi hirak seluk ne'ebétemi iha alínea sira iha n.º 1.

Artigo 164.º

[...]

[...]

- a) [...]
 b) Sendo a vítima menor de 18 anos de idade;

Artigo 164.º

[...]

[...]

- a) [...];
 b) Vítima nu'udar menor ho tinan 18;

- c) [...]
- d) [...]
- e) [...]
- f) Tiver colocado em perigo a vida da vítima;
- g) Tiver sido cometida por um funcionário ou agente público no exercício das suas funções;
- h) Tiver sido cometida no quadro de uma associação criminosa; é o agente punido com pena de prisão de 12 a 25 anos.»

Artigo 35.º

Aplicação subsidiária

Ao regime previsto na presente lei, são subsidiariamente aplicáveis:

- a) As disposições constantes do Código Penal e do Código de Processo Penal;
- b) O disposto na lei da imigração e asilo;
- c) As disposições legais relativas à proteção de testemunhas;
- d) O regime especial no âmbito processual penal para casos de terrorismo, criminalidade violenta ou altamente organizada;
- e) As regras de cooperação judiciária internacional em matéria penal.

Artigo 36.º

Regimes especiais

1. O disposto na presente lei não prejudica os regimes especiais constantes de:
 - a) Acordos bilaterais ou multilaterais celebrados entre a República Democrática de Timor-Leste e Estados terceiros;
 - b) Convenções internacionais de que Timor-Leste seja Parte ou a que se vincule, em especial os celebrados ou que venha a celebrar com países de língua oficial portuguesa, quer a nível bilateral, quer multilateral.
2. O disposto na presente lei não prejudica as obrigações decorrentes do Protocolo

- c) [...];
- d) [...];
- e) [...];
- f) Vítima nia vida tau iha perigo nia laran;
- g) Komete tiha hosi funsiunáriu ka ajente públiku ida bainhira ezerse hela funsaun;
- h) Komete tiha iha kuadru asosiasaun kriminoza ida; sei kastigu ajente ne'e ho pena prizaun tinan 12 to'o 25.”

Artigu 35.º

Aplikasaun subsidiária

Ba rejime ne'ebé prevee iha lei ida-ne'e, aplika ho subsidiáriu:

- a) Dispozisaun sira-ne'ebé prevee iha Kódigu Penál no Kódigu Prosesu Penál nian;
- b) Dispostu lei imigrasaun no azilu nian;
- c) Dispozisaun legál sira kona-ba protesaun ba testemuña;
- d) Rejime spesiál iha ámbitu prosesuál penál ba kazu terrorizmu sira, kriminalidade violenta ka organizadu;
- e) Regra sira kooperasaun judisiária internasionál nian ba matéria penál.

Artigu 36.º

Rejime spesiál sira

1. Dispostu lei ida-ne'e nian la prejudika rejime spesiál sira ne'ebé iha:
 - a) Akordu bilaterál ka multilaterál sira ne'ebé hala'o entre Repúblika Demokrátika Timor-Leste no Estadu datoluk sira;
 - b) Konvensaun internasionál sira ne'ebé Timor-Leste hola Parte ka iha ligasaun, liuliu hirak ne'ebé selebra ona ka atu selebra ho paíz lian ofisiál portugés, iha nível bilaterál nune'e mós multilaterál.
2. Dispostu lei ida-ne'e nian la prejudika obrigasaun sira ne'ebé mai hosi Protokolu

Adicional à Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças, e demais convenções internacionais em matéria de direitos humanos de que Timor-Leste seja parte.

Artigo 37.º

Medidas transitórias de proteção de vítimas de tráfico de pessoas quando sejam mulheres e crianças

1. Até que sejam criados os mecanismos próprios de assistência e apoio às vítimas de tráfico de pessoas previstos na presente lei, quando estas vítimas sejam mulheres e crianças, podem beneficiar dos meios de proteção previstos na lei contra a violência doméstica, sendo-lhe assegurados nomeadamente assistência e apoio material direto, bem como abrigo e refúgio.
2. Para os efeitos do disposto no número anterior, as autoridades competentes nos termos da presente lei estabelecem os necessários protocolos de cooperação com as entidades responsáveis pela assistência e proteção às vítimas de violência doméstica, nomeadamente com as entidades que asseguram a gestão e a organização dos centros de abrigo “Uma Mahon”.
3. O disposto nos números anteriores não desobriga as entidades competentes da adoção de medidas próprias para assistência e apoio a todas as vítimas de tráfico de pessoas, nomeadamente quando estas são do sexo masculino.

Artigo 38.º

Regulamentação

As normas necessárias à execução da presente lei são objeto de legislação específica a aprovar pelo Governo no prazo de 180 dias a contar da data da entrada em vigor da presente lei.

Adisionál ba Konvensauun Nasoins Unidas nian Kontra Krimi Organizadu Transnasionál nian Kona-ba Prevensauun, Represaun, Punisaun ba Tráfiku ba Ema, liuliu ba Feto no Labarik sira, no konvensauun internasionál seluktán kona-ba direitu umanu ne’ebé Timor-Leste hola parte.

Artigu 37.º

Medida tranzitória ba protesauun vítima tráfiku umanu bainhira nu’udar feto no labarik sira

1. To’o kria mekanizmu rasik hodi fó assisténsia no apoiu ba vítima sira tráfiku umanu nian ne’ebé prevee iha lei ida-ne’e, bainhira vítima sira-ne’e nu’udar feto no labarik, bele hetan benefisiu hosi meu protesauun nian ne’ebé prevee iha lei kontra violénsia doméstika, hodi asegura ba nia, liuliu, assisténsia no apoiu kedas ba materiál, hanesan mós abrigo no subar-fatin.
2. Ba efeito dispostu número liubá nian, autoridade sira-ne’ebé iha kompeténsia tuir termu lei ida-ne’e nian hatuur protokolu kooperasaun nian ne’ebé presiza ho entidade responsavel ba assisténsia no protesauun ba vítima violénsia doméstika nian, liuliu ho entidade sira-ne’ebé asegura jestaun no organizasaun sentru abrigo “Uma-Mahon”.
3. Dispostu iha número sira liubá la dispensa obrigasaun hosi entidade competente sira atu adota medida rasik hodi fó assisténsia no apoiu ba vítima hotu-hotu tráfiku umanu nian, bainhira vítima sira-ne’e nu’udar mane.

Artigu 38.º

Regulamentasaun

Norma ne’ebé presiza hodi ezejuta lei ida-ne’e nu’udar objetu lejizlasauun spesífika ne’ebé Governu atu aprova iha loron 180 nia laran, sura hosi loron ne’ebé lei ida-ne’e hahú hala’o nia knaar ho kbiit legál.

Artigo 39.º

Entrada em vigor

A presente lei entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Aprovada em 24 de outubro de 2016.

O Presidente do Parlamento Nacional,

Adérito Hugo da Costa

Promulgada em 23 de janeiro de 2017.

Publique-se.

O Presidente da República,

Taur Matan Ruak

Artigu 39.º

Hahú hala'õ knaar ho kbiit legál

Lei ida-ne'e hahú hala'õ knaar ho kbiit legál iha loron tatur ninia publikasaun.

Aprova iha loron 24 Outubru 2016

Prezidente Parlamentu Nasionál

Adérito Hugo da Costa

Promulha iha 23 Janeiru 2017

Publika ba.

Prezidente Repúblika

Taur Matan Ruak